

Fibrose Endomiocárdica

Detelhes restritos:

Junto com a lembrança, sinto necessidade de agradecer aos co-autores, e tecer algumas considerações relacionadas:

1960, abril, eu estava formado em medicina há pouco mais de um ano (14 dezembro de 1958). Fazia parte da formação médica em Pós-Graduação, primeira experiência de Residência Médica em nosso Estado, e a segunda no Brasil, implantada naquele mesmo ano, por convênio entre a Universidade do Rio Grande do Sul e a Fundação Kellogg, dos EEUU.

A sede era no Serviço da Cátedra de Terapêutica Clínica, Enfermaria 38o. da Santa Casa de Misericórdia, localizada no 6o. andar do Pavilhão Cristo Redentor, sob a direção do Professor Eduardo Zaccaro Faraco.

Eu frequentava o serviço desde 1957, quando cursava a Disciplina de Terapêutica Clínica, permanecendo ligado ao mesmo Serviço no ano seguinte como Internato (também nova experiência de formação graduada), aguardando a Residência em Clínica Médica que sofreu um atraso de um ano em sua implantação, por motivos burocráticos.

Essas memórias despertam-me sentimentos de gratidão ao Chefe de Serviço que oportunizou as inovações, das quais me beneficiei, bem como a seus assistentes. No processo de seleção, fui escolhido como Residente Chefe, com o que fiquei muito honrado e responsável pela agregação, e porta voz do grupo de colegas, iniciantes, como eu.

*Também devo lembrar o Professor **Adão Gonzaga do Valle Mattos**, primeiro autor do artigo publicado sobre o caso em pauta. Era de São Borja, e tinha sido Presidente da Sociedade de Cardiologia do RS no ano de 1956. Estava ligado inicialmente ao Serviço do Professor **Rubens Mário Garcia Maciel**, mas migrou para nosso Serviço mais ou menos na época em que eu comecei a frequentá-lo. Gostava de eletrocardiografia, e a sala de interpretação ficava junto ao Ambulatório Cardiopulmonar (ACP) do Serviço. Durante todo o ano de 1959, enquanto eu aguardava o início da Residência Médica, fiquei aproveitando meu tempo, além da atividade que eu tinha junto ao Serviço Médico da Guarda Civil, para aprender a interpretar eletrocardiogramas e acompanhar o atendimento de pacientes no ACP. Provavelmente isso facilitou nossa aproximação.*

*Anos depois (1980?), enquanto professor de cardiologia na Faculdade de Medicina da PUCRS, fui professor do filho dele **Luiz Alberto Piva e Mattos**, que em São Paulo teve grande projeção na Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC) (nascido em 1961 em Porto Alegre, e formado em 1983 na Faculdade de Medicina da PUCRS).*

*Outra coautora foi a Dra. **Ceo Paranhos de Lima** que entrou comigo na primeira residência médica, mas que havia se formado no ano seguinte à minha formatura (1959), enquanto eu esperava a instalação do novo sistema. É provável que ela estivesse cuidando da paciente na Enfermaria 2 de mulheres.*

*O quarto co-autor foi o Dr. **Luiz Alberto Arizoly Fagundes**, professor de patologia e quem realizou o exame pós morte, obteve amostras de tecidos e encaminhou o caso para confirmação diagnóstica pelo Dr. Davis.*

Pela curiosidade, acrescento um detalhe que habitualmente não faz parte de publicações científicas, mas que como estamos num Blog...

Como é comum, a família da paciente mostrou-se inicialmente resistente a aceitar o exame pós-morte, apesar de nossa argumentação sobre a importância de desvendar o diagnóstico. Arrisquei, como última tentativa, a pagar o enterro, após o que, a permissão foi concedida.

Mais uma vez (mesmo, passados sessenta e dois anos) agradeço à colaboração da família, com a qual não tive mais contato.